



DIÁRIOS DE CAMPO

**Educação Infantil no Campo**

O Projeto ICDS em Chanda, Bangaon,
Bengala Ocidental, Índia

Felipe Bruno Martins Fernandes, *Delhi University – North Campus*

Resumo. O presente diário aborda uma situação etnográfica vivida na educação infantil no contexto rural indiano, tomando como referência a atuação da “Anganwadi School” em Chanda, Bangaon, Bengala Ocidental, vinculada ao “Integrated Child Development Services Scheme” (ICDS). Durante três manhãs, foram realizadas atividades pedagógicas com crianças e suas mães, combinando narrativas do folclore brasileiro, práticas musicais e exercícios pedagógicos estruturados. O projeto ICDS desempenha um papel fundamental no desenvolvimento infantil e no suporte comunitário, oferecendo não apenas pré-alfabetização, mas também nutrição e cuidados médicos para crianças de zero a seis anos. As atividades promovidas evidenciaram a intersecção entre diferentes perspectivas educacionais, conectando práticas pós-construtivistas brasileiras com metodologias comunitárias indianas. As histórias de dois encantados brasileiros, Curupira e Boitatá foram usadas para a aprendizagem fonética das crianças, enquanto as cirandas brasileiras foram reinterpretadas pelas mães e crianças como parte de um ritual local, gerando uma conexão intercultural inesperada e positiva. A vivência reforçou o papel da educação popular no campo na construção de um ambiente de aprendizagem coletivo, no qual as mulheres desempenham funções centrais na organização e ensino comunitários.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Educação no Campo; Índia; Educação Popular; Interculturalidade.



“A educação é a única arma capaz de libertar os oprimidos e dar-lhes dignidade”

Guruchand Thakur (2025)

Minha visita à Índia me trouxe ao estado da Bengala Ocidental, onde tive a oportunidade de realizar um curto trabalho de campo em um vilarejo chamado Chanda, localizado na sub-divisão de Bangaon, no distrito 24 de Parganas - Norte. Estou na Índia como professor visitante na Universidade de Delhi – Campus Norte, no Departamento de Antropologia, sob a supervisão do professor Dr. SM Patnaik. Estou vinculado ao Center for Tribal Studies.

Durante dez dias, permaneci na residência da família de um antropólogo local, Saptarshi Bairagi (a quem agradeço muito!), que está finalizando sua tese, compartilhando o cotidiano de sua família e observando as dinâmicas sociais do vilarejo. Como me contou Saptarshi, “Chanda possui diversidade de grupos sociais” sendo o maior deles os Namasudras, mas também habitado por Brahmins, Kayash, Kopalis e muçulmanos. À excessão dos muçulmanos e de uma minoria local, Chanda é um vilarejo habitado pelo que se convencionou chamar de Dalits, ou intocáveis, a base da hierarquia de castas local. Localizado próximo à fronteira com Bangladesh — que também tive a oportunidade de visitar — o vilarejo apresenta uma interação sociocultural singular, fruto de sua posição geográfica, marcada pelo acolhimento de populações deslocadas forçosamente de Bangladesh durante o período conflituoso da partição da Índia em 1947, e os hindus ainda estão imigrando de Bangladesh para a Bengala Ocidental.

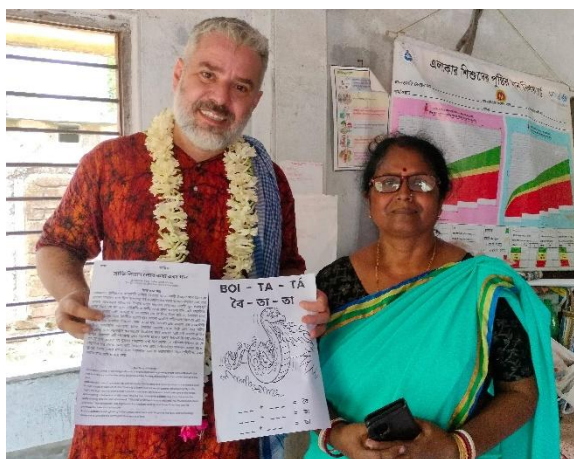
Este diário de campo, dessa forma, busca registrar minhas observações e vivências durante esta estadia e, principalmente, minha experiência na Anganwadi School, vinculada ao “Integrated Child Development Services Scheme” (ICDS), um projeto governamental voltado ao desenvolvimento de mulheres e crianças do nascimento aos 6 anos de comunidades vulneráveis economicamente e socialmente.

Como visitante em Chanda, percebi a “curiosidade” dos moradores, que me receberam com hospitalidade, mas também demonstravam certa estranheza, que com o passar dos dias se tornou afeto. Muitas vezes na rua os locais me pediam para tirar fotos com eles, me fitavam atentamente por vários minutos, os homens querendo saber de onde eu vinha e seu eu jogava futebol (conheciam Neymar e Ronaldo) e algumas mulheres tocavam meus pés pedindo aquilo que Saptarshi me explicou ser um tipo

de “benção”. Saptarshi e os jovens de sua família facilitaram minha inserção no vilarejo, apresentando-me aos membros da comunidade e permitindo-me compreender algumas nuances da vida cotidiana local, apesar do pouco tempo que por aqui permaneci.

Mas é importante dizer que essa distribuição dos grupos sociais-culturais-políticos-econômicos mencionada acima evidencia uma segmentação, que, embora presente, não inviabiliza ou interfere por demais nas interações entre diferentes castas e comunidades, pois compartilham situação similar de classe, pelo menos pelo que eu pude perceber. Os Namasudras, casta majoritária do vilarejo e à qual pertence à família de Saptarshi, desempenha papéis centrais nas atividades agrícolas e comerciais, principalmente nas roças de arroz, mostarda, banana e outras, mas também no cultivo de várias espécies de peixes em tanques. Sarajit Bairagi, seu pai, é funcionário da empresa Indian Railways, viajando toda semana como funcionário público. Já sua mãe, Amita Bairagi (FIGURA 01)¹, como veremos, é professora na escola infantil que tive a oportunidade de desenvolver as atividades descritas neste diário.

FIGURA 01: Felipe e Amita exibem a Ficha Didática do Boitatá



Descrição: Felipe Fernandes e Amita Bairagi exibem a ficha didática elaborada para a atividade com as crianças da Anganwadi School em Chanda.

Fonte: Joyashree Bhowmick.

A rotina da família que me acolheu foi um dos primeiros elementos que observei. Entre as “atividades domésticas” e os papéis exercidos por

¹ As imagens e vídeos deste diário de campo, nas quais estão disponíveis as coordenadas geográficas, foram registradas por Amita Bairagi para comprovação do trabalho. Como parte do protocolo de monitoramento, diariamente, cada escola do projeto envia fotografias contendo esses dados para um grupo no WhatsApp, permitindo o acompanhamento e compartilhamento das atividades realizadas.



cada membro, notei uma “divisão de trabalho” que segue padrões tradicionais: as mulheres cuidam da casa, mesmo trabalhando fora e os homens “trabalham fora” e cuidam das roças e tanques de peixes, mas também podem ajudar eventualmente em tarefas domésticas. A temporalidade no vilarejo é diferente do Brasil. Em razão do calor extremo e da umidade elevada do ar ficar fora de casa entre 13:00 e 16:00 não é comum. A vida social acontece antes desse horário (como as atividades na escola) e no final da tarde e noite, momento em que os mercados, lojas e bancas abrem.

No primeiro dia de atividades na escola, contei as histórias do Curupira e Boitatá (FIGURA 02) com o apoio de dois tradutores locais: Lakshyajit Biswas, um jovem de 16 anos, sobrinho-neto de Amita, e Arindita Biswas, uma jovem mulher trans reconhecida em seu gênero, casada e muito respeitada pela comunidade.

FIGURA 02: Contação de histórias do Curupira e do Boitatá



Descrição: Atividade de contação de histórias na Anganwadi School, em Chanda, compartilhando com as crianças e suas mães as histórias do Curupira e do Boitatá, encantados brasileiros.

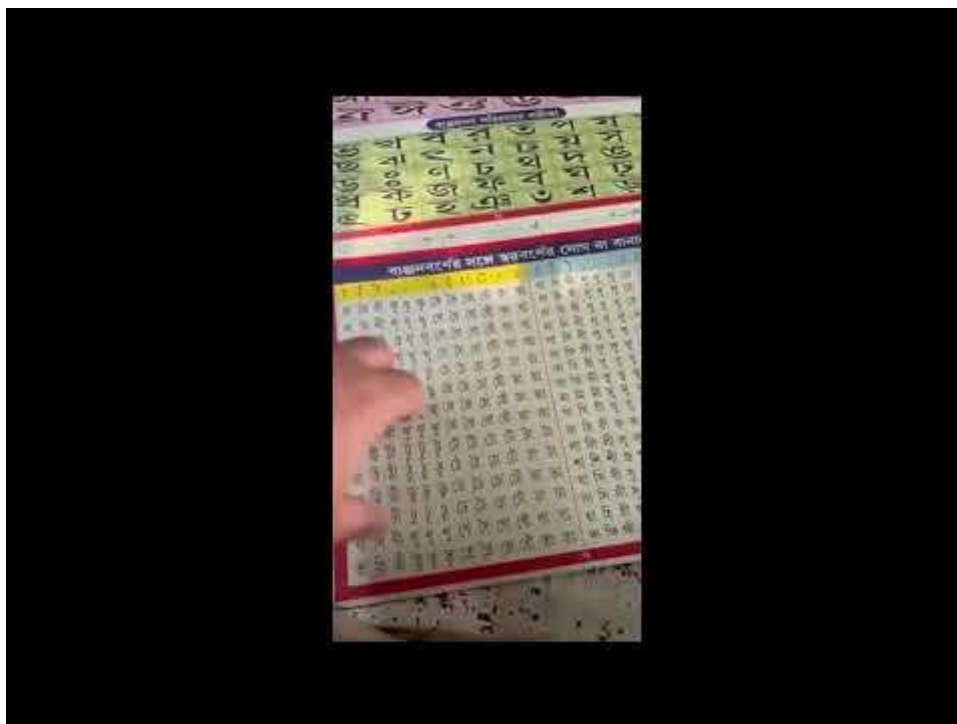
Fonte: Amita Bairagi.

A presença de ambos foi fundamental, não apenas para a tradução, mas para a construção de um ambiente familiar, no qual aquelas crianças, vendo um “homem branco” pela primeira vez, não se sentissem assustadas. Entretanto, mesmo com essa presença, a primeira garotinha, ao chegar sozinha, de aproximadamente 04 anos, sentou-se e pegou seu livro de alfabetização (VÍDEO 01). Ao me ver começou aos poucos a chorar. Fui até ela e disse, em inglês, “*it’s ok, you don’t have to be scared*”. Isso parece ter piorado a situação, momento em que Amita, que coordenava a feitura da merenda da manhã, veio até nós e disse-lhe que

tudo estava bem. Ao final das histórias essa mesma garota, então com a presença de sua mãe que chegou no meio da atividade, me pediu para tirar uma foto com ela.

Lakshyajit, criado na periferia de “Kolkata”, foi alfabetizado em inglês, porque foi aceito em uma escola secundária inglesa. Nesse sentido, ele considera o inglês como sua “primeira língua” ao me contar sobre sua vida. Entretanto, sua língua materna é o Bengali. Sua experiência como falante de um idioma global contrastava com o cotidiano das crianças do vilarejo, cuja exposição linguística se dava quase exclusivamente em Bengali, apesar do livro de alfabetização usado por elas (VIDYASAGAR, s/d) conter ambos os alfabetos linguísticos, o Bengali Script e o Romano (VÍDEO 02).

VÍDEO 01: Obra adotada na escola para a alfabetização das crianças



Descrição: Apresento Adarshalipi, de Ishwar Chandra Vidyasagar, uma obra para a alfabetização em bengali, escrita pelo reformador e educador do século XIX, que teve um impacto significativo na estruturação da escrita e educação na região.

Fonte: autoria própria.

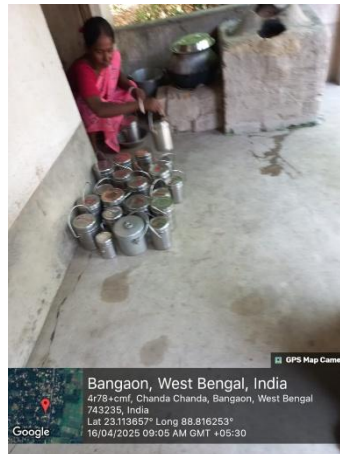
Arindita, por sua vez, desempenhou um papel crucial na interação com os pequenos, trazendo um tom vibrante e expressivo à narração das histórias em Bengali. Ela se mostrou uma verdadeira contadora de histórias, alterando sua voz e gestuário para dar vida ao Curupira e ao



Boitató. Como participante ativa em diversas iniciativas comunitárias, sua presença reforçou o caráter coletivo da aprendizagem em um contexto de educação popular na Índia.

Nas três manhãs, as atividades terminaram com uma merenda comunitária. O prato principal foi *khichuri* com ovos cozidos, preparados por Etee Saha sob a supervisão de Amita Bairagi. O *khichuri* é um prato tradicional indiano feito de arroz, lentilhas e vegetais como a batata cozidos lentamente com especiarias e óleo de mostarda, em fogão de chão na varanda da escola (FIGURA 03), formando uma textura cremosa e nutritiva. Além de ser uma refeição simples, é amplamente consumido por seu valor nutricional.

FIGURA 02: Etee Saha preparando a merenda



Descrição: Etee Saha, sob a supervisão de Amita Bairagi, prepara o *khichuri* com ovos cozidos para as crianças e mães da escola.

Fonte: Amita Bairagi.

Voltando ao primeiro dia, trabalhei com as crianças e suas mães as histórias de “Curupira” e “Boitató”, duas figuras encantadas que protegem a floresta. Além de explorar os fonemas (CU – RU – PI – RA – BOI – TA – TÁ), a narrativa incorporou um elemento de educação ambiental, enfatizando a relação entre os povos indígenas, os encantados e a preservação da natureza e como alguns espíritos da floresta estão ali para proteger as matas, rios e animais da poluição e irresponsabilidade humana. As histórias foram prontamente compreendidas. As mães, que permaneceram atentas durante toda a narração, demonstraram interesse pelos personagens e sua “missão ambiental”, enquanto algumas crianças se movimentavam livremente pelo círculo, absorvendo a dinâmica de forma mais interativa.

Para encerrar a atividade, sugeri uma “dança coletiva”, inspirada nas aulas práticas que acompanhei enquanto coordenador da Licenciatura Intercultural Indígena da UFBA da Prof^a Dra. Mayá Pataxó Hãhãhã, professora de notório saber do Departamento de Antropologia e Etnologia. Formamos uma roda e entrelaçamos os braços, balançando de um lado para o outro enquanto entoávamos um canto.

O canto inicial, em português, dizia:

- *Nós balança, balança, balança, mas não cai, se nós for cair tem Pai Tupã para segurar.*

Depois, adaptei para o inglês, fazendo uma modificação cultural:

- *We struggle, struggle, struggle but don't fall, if we gonna fall we have Lord Shiva to protect us* (grifo meu).

Com o envolvimento dos tradutores, a adaptação se expandiu ainda mais. Quando Lakshiajit e Arintita compreenderam o sentido do canto, passaram a entoá-lo em Bengali, ajustando a referência cultural para “Mãe Durga”:

- আমরা সংগ্রাম করি, সংগ্রাম করি, সংগ্রাম করি। কিন্তু আমরা ভেঙে পড়ি না। যদি আমরা ভেঙে পড়ি তবে আমাদের রক্ষা করার জন্য মা দুর্গা আছেন।

Esse momento foi de forte conexão intercultural. A dança e o canto criaram “pontes culturais” entre diferentes expressões de espiritualidade e resistência. O envolvimento das mães foi particularmente intenso, e senti o quanto o entrelaçamento dos braços e o toante indígena, significando a importância da ação coletiva, fez sentido naquele contexto.

Já no segundo dia de atividades, a aula foi inteiramente dedicada às cirandas brasileiras (VÍDEO 02), tratando da relação entre dança, música e coletividade. Antes de iniciar as movimentações, expliquei às mães o significado da Ciranda no Brasil, destacando seu caráter comunitário e sua função como um espaço de inclusão, celebração e expressão cultural.

Para a atividade, selecionei três músicas na noite anterior:

- “Cirandeiro” na voz de Luiz Gonzaga
- “O cirandeiro” interpretada por Mestre Anderson Miguel e Juçara Marçal
- “Ciranda da Macaxeira” cantada por Mestre Luiz Paixão e Siba



Com passos simples ensaiados previamente, convidei todos e todas a dançarem. O ambiente estava descontraído, as crianças se movimentavam livremente pelo espaço, e as mães, atentas, absorviam cada nova orientação. A cada música, o grupo se envolvia mais com a proposta, incorporando gestos e ritmos de maneira espontânea.

VÍDEO 02: Atividade da Ciranda na Anganwadi School



Descrição: Registro da atividade da ciranda conduzida na Anganwadi School, em Chanda. Crianças e suas mães participam da dança em roda.

Fonte: Amita Bairagi.

E então, algo extraordinário aconteceu. As mães e suas crianças passaram a interpretar aquela prática como um ritual de Durga Pooja. Como que por associação coletiva, deixaram de seguir os passos que eu havia ensinado e passaram a executar coreografias sincronizadas que fazem parte do culto tradicional à Mãe Durga, realizado anualmente entre setembro e outubro. Foi um momento emocionante. O que começou como um exercício de dança folclórica brasileira se transformou em uma manifestação comunitária, evidenciando a potência da conexão intercultural.

Após dois dias de atividades focadas na escuta de histórias e na expressão cultural por meio da dança, no terceiro dia trabalhei com as crianças e suas mães uma ficha didática (APÊNDICE 01) elaborada

previamente. Esta ficha foi pensada para reforçar a aprendizagem dos fonemas, além de apresentar a história do Boitátá tanto em Bengali quanto em inglês, garantindo um ensino bilíngue e acessível. O planejamento dessa atividade contou com a colaboração de Saptarshi e Arindita, e posteriormente o Bengali foi revisado por Joyashree Bhowmick, uma jovem de 20 anos estudante de antropologia, que também é prima-irmã de Saptarshi. Essa revisão foi essencial para garantir a precisão linguística da ficha e sua adequação ao nível de compreensão das crianças. No verso da ficha, foram apresentados os fonemas da palavra Boitátá de maneira segmentada:

- BOI-TA-TÁ em português e bengali
- Uma ilustração do Boitátá para ser colorida pelas crianças
- Um exercício de escrita, no qual as crianças deveriam desmembrar os fonemas (BOI, TA e TÁ) em duas letras do alfabeto Bengali — que também é um alfabeto fonético — para chegar ao som correto dessas sílabas.

Essa abordagem permitiu que as crianças associassem som, imagem e escrita, fortalecendo sua capacidade de reconhecer fonemas e desenvolver habilidades linguísticas. O envolvimento das mães motivou as crianças, transformando o aprendizado em um processo comunitário, onde diferentes gerações participavam ativamente. O terceiro e último dia de minha visita à Anganwadi School em Chanda encerrou-se com um gesto profundamente simbólico e emocionante (FIGURA 04). Após uma manhã dedicada ao ensino por meio da ficha didática do Boitátá, fui surpreendido por um momento de reconhecimento e celebração.

As crianças, suas mães e as duas funcionárias da escola — Amita e Etee Saha, a cozinheira — entoaram para mim o hino nacional da Índia, cantado em Bengali. A solenidade da música trouxe uma atmosfera de respeito e gratidão, consolidando o vínculo construído ao longo dos três dias de atividades. Em seguida, uma garotinha de aproximadamente cinco anos encantou a todos ao cantar uma canção do folclore local, revelando a riqueza das tradições musicais do vilarejo.

Como é comum em eventos na Índia, fui felicitado com muitas flores, um gesto que simboliza acolhimento e gratidão. Além disso, recebi uma linda caneta dourada, um presente que carrega consigo o simbolismo do conhecimento e da escrita, como me foi dito por Amita. Essa despedida não apenas marcou o fim de minha estadia, mas também reforçou a ideia de que a educação une povos, particularmente grupos vulnerabilizados,



atravessando fronteiras. O aprendizado foi mútuo: enquanto eu buscava compartilhar elementos do folclore brasileiro, fui igualmente enriquecido pela generosidade, pelo conhecimento e pela tradição das pessoas que conheci.

FIGURA 04: Momento de Felicitação e Despedida



Descrição: Momento em que fui felicitado por Amita Bairagi, Etee Saha, mães e crianças da Anganwadi School, em Chanda. Como gesto de gratidão pelo trabalho realizado, recebi flores, uma caneta dourada e palavras de agradecimento.

Fonte: Amita Bairagi.

Referências

VIDYASAGAR, Ishwar Chandra. *Adarshalipi*. Kolkata. s/d.

THAKUR, Guruchand. *Discursos de Guruchand Thakur*. Disponível em: <bengalidalitliterature.com>. Acesso em: 22 abr. 2025.

গ্রামীণ অঞ্চলে শৈশব শিক্ষা: চাঁদা, বনগাঁ, পশ্চিমবঙ্গ, ভারতে ICDS প্রকল্প

সারাংশ: এই ক্ষেত্রপঞ্জী ভারতের গ্রামীণ অঞ্চলের প্রাথমিক শিক্ষায় অভিজ্ঞতাভিত্তিক একটি নৃতাত্ত্বিক পরিস্থিতিতে আলোচনা করে, যেখানে "ANGANWADI SCHOOL" এর কার্যক্রমকে কেন্দ্র করে চাঁদা, বনগাঁ, পশ্চিমবঙ্গের শিক্ষাপ্রক্রিয়াকে বিশ্লেষণ করা হয়েছে। এই স্কুল INTEGRATED CHILD DEVELOPMENT SERVICES SCHEME (ICDS) এর সাথে সংযুক্ত। তিনদিন সকালে শিশুদের ও তাদের মায়েদের সাথে শিক্ষামূলক কার্যক্রম পরিচালনা করা হয়েছিল, যেখানে ব্রাজিলীয় লোকগাথা, সংগীত চর্চা এবং কাঠামোবদ্ধ শিক্ষামূলক কার্যক্রম একত্রিত করা হয়েছিল। ICDS প্রকল্প শিশুদের বিকাশ ও সামাজিক সহায়তায় গুরুত্বপূর্ণ ভূমিকা পালন করে, শুধুমাত্র প্রাথমিক স্বাক্ষরতা নয়, বরং পুষ্টি ও চিকিৎসা পরিষেবাও প্রদান করে, যা সদ্যজাত থেকে ছয় বছর বয়সের শিশুদের জন্য অত্যন্ত গুরুত্বপূর্ণ। এই কার্যক্রমে বিভিন্ন শিক্ষাগত দৃষ্টিভঙ্গির সংযোগ স্পষ্ট করা হয়েছে, যেখানে ব্রাজিলীয় পরিকাঠামোগত শিক্ষাব্যবস্থা ও ভারতীয় সামাজিক শিক্ষাব্যবস্থা একত্রিত হয়েছে। ব্রাজিলীয় লোকগাথার দুই চরিত্র, CURUPIRA ও BOITATÁ, শিশুদের ধ্বনিগত শিক্ষায় সহায়ক হয়েছে। এছাড়াও ব্রাজিলীয় চিরন্দা নৃত্য প্রদর্শনে ও স্থানীয় ধর্মীয় আচার-অনুষ্ঠানের সাথে সংযুক্ত হয়ে অনাকাঙ্ক্ষিত কিন্তু ইতিবাচক আন্তঃসাংস্কৃতিক যোগাযোগ সৃষ্টি হয়েছে এই অঞ্চলের মানুষদের সাথে। এই অভিজ্ঞতা গ্রামীণ শিক্ষার জনগোষ্ঠীকেন্দ্রিক ভূমিকা আরও শক্তিশালী করেছে, যেখানে নারীরা শিক্ষার প্রক্রিয়ায় গুরুত্বপূর্ণ ভূমিকা পালন করে। এটি প্রমাণ করে যে প্রাথমিক শিক্ষার লক্ষ্য শুধুমাত্র পাঠ্যক্রমের সংস্থান নয়, বরং সামাজিক ও সাংস্কৃতিক জ্ঞান বিনিময়ের একটি কেন্দ্র সৃষ্টি করা, যা সম্প্রদায়টি কে আরো শক্তিশালী করে এবং শিক্ষার একটি সম্মিলিত পরিবেশে পরিণত করবে।

মূল শব্দ: শৈশব শিক্ষা। গ্রামীণ শিক্ষা। ভারত। জনপ্রিয় শিক্ষা। আন্তঃসাংস্কৃতিকতা।

Felipe Bruno Martins FERNANDES

é professor de Antropologia na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atualmente, ocupa o cargo de Chefe de Comissões da International Union of Anthropological and Ethnological Sciences (IUAES), vinculada à World Anthropological Association (WAU). É membro da Rede NIGS de estudos em Identidades de Gênero e Subjetividades e tem interesse em diversas áreas da antropologia, com destaque para educação popular e educação escolar indígena. Em 2025, atua como professor visitante na Delhi University - North Campus, no Departamento de Antropologia, sob a supervisão do professor Dr. SM Patnaik.

Recebido em: 22/04/2025

Aprovado em: 01/0/2025



Apêndice 01 – Ficha Didática

নাম:

তারিখ:

ব্রাজিলিয়ান লোককথা এবং গান

Brazilian Folk Tales and Songs
by Dr. Felipe Bruno Martins Fernandes

বৈতাতার গল্প

এককালে, ব্রাজিলের জাদুকরী ভূমিতে বৈতাতা নামে একটি উজ্জ্বল সাপ ছিল। সে কোনো সাধারণ সাপ ছিল না—তার শরীর জোনাকির মতো ঝলমল করতো এবং তার আলো অন্ধকারে আগুনের শিখার মতো নাচতো। বৈতাতার একটি খুব গুরুত্বপূর্ণ কাজ ছিল। সে বন এবং নদীগুলিকে ক্ষতি থেকে রক্ষা করতো। যদি কেউ প্রকৃতিকে আঘাত করার চেষ্টা করতো বা যা তাদের নয় তা নিয়ে নিতে চাইতো, বৈতাতা রাতে উজ্জ্বল আলো নিয়ে উপস্থিত হতো। তার আলো এতটাই শক্তিশালী ছিল যে এটি যে কেউকে ভয় দেখাতে পারতো, যারা বনের যত্ন নিত না। এক সন্ধ্যায়, এক মৎসজীবী নদীতে আবর্জনা ফেললো। হঠাৎ, বৈতাতা জলের থেকে উঠে এল, তার শরীর আগুনের মতো জ্বলজ্বল করছে। সে ফিসফিস করে বললো, “এই নদী অনেক প্রাণীর বাড়ি। তোমাকে এটি পরিষ্কার এবং নিরাপদ রাখতে হবে।” মৎসজীবী ভয় পেল কিন্তু সে যে ভুল করেছে তা বুঝতে পারলো। সেই দিন থেকে, সে প্রতিজ্ঞা করলো যে সে প্রকৃতির যত্ন নেবে। এবং তাই বৈতাতা বন এবং নদীগুলিতে ঝলমল করতে থাকে, ভূমির উপর নজর রাখে এবং সকলকে দয়া ও ভালোবাসা দিয়ে পৃথিবীকে রক্ষা করার কথা মনে করিয়ে দেয়।

The Story of Boitatá

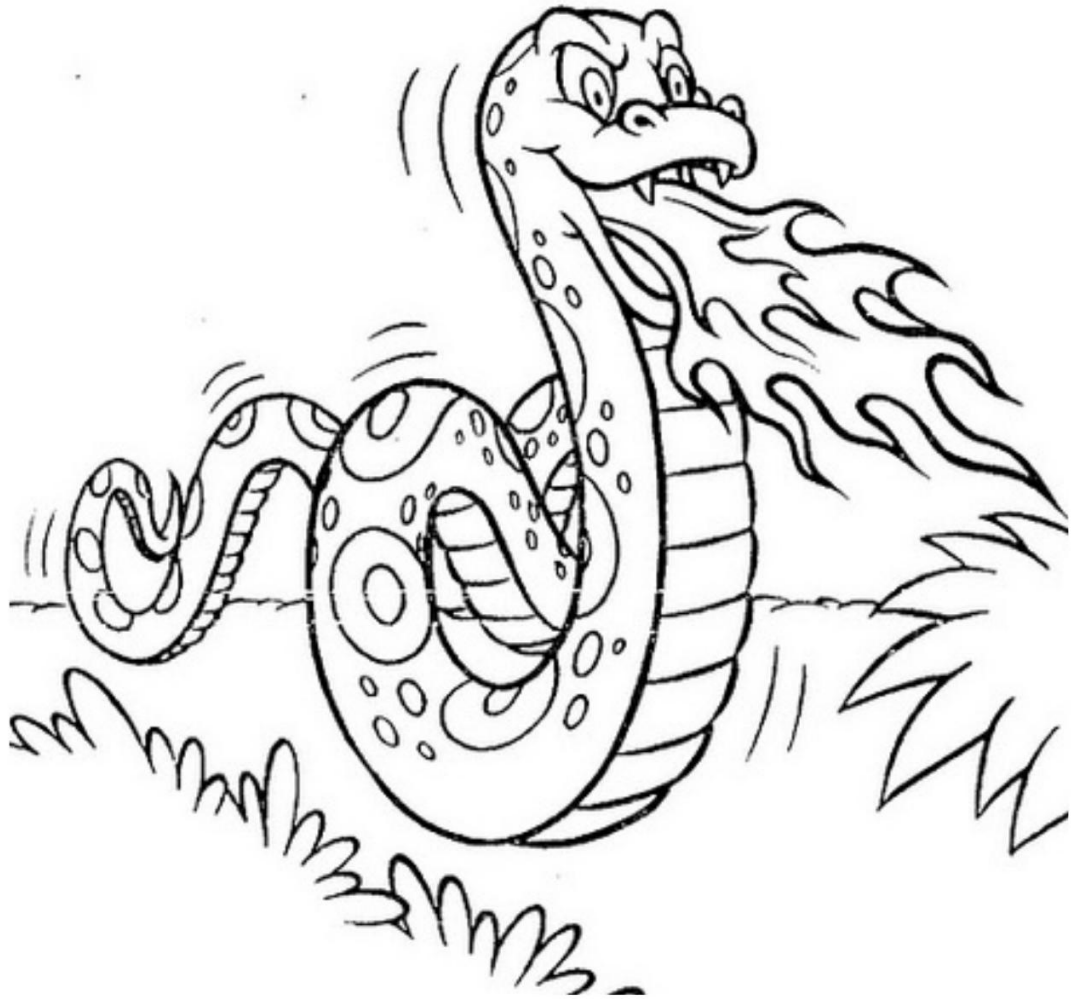
Once upon a time, in the magical lands of Brazil, there was a glowing snake named **Boitatá**. She was no ordinary snake—her body shimmered like fireflies, and her light danced like flames in the dark.

Boitatá had a very important job. She protected the forests and rivers from harm. If someone tried to hurt nature or take what didn't belong to them, Boitatá would appear, glowing brightly in the night. Her light was so strong that it could scare away anyone who didn't take care of the forest. One evening, a fisherman threw trash into the river. Suddenly, **Boitatá** rose from the water, her body shining like fire. She whispered, “This river is home to many creatures. You must keep it clean and safe.” The fisherman was frightened but realized what he had done. From that day, he promised to take care of nature.

And so, **Boitatá** keeps glowing in the forests and rivers, watching over the land, and reminding everyone to protect the earth with kindness and love.



BOI - TA - TÁ বৈ - তা - তা



--- + --- = বৈ
--- + --- = তা
--- + --- = তা